

EDUCAÇÃO: UMA ABORDAGEM CRÍTICA

Francisco Vieira Cipriano¹

Para iniciarmos nosso debate acerca do complexo da educação é necessário um debate acerca do ser social. Segundo Lessa (2016), há essencialmente três esferas ontológicas: mineral, biológica e orgânica. Na esfera mineral, não existe vida, é caracterizado em “tornar-se outro” em seu processo de evolução. Na esfera biológica, caracteriza pela produção do mesmo, laranjeiras produzem laranjas, por este fato, é compreendido pela constante reposição do mesmo.

A esfera do ser social implica na produção do novo, pois uma resposta frente à uma situação concreta e sua maneira de responder a ela só há possibilidades de ocorrer através da consciência, essa consciência, só existe no ser social, pois através dela, toda nova situação objetiva é analisada em busca de uma resposta partindo de um conhecimento acumulado previamente pelos seres humanos em confronto com a atual realidade objetiva. Neste sentido, o trabalho implica em uma prévia-ideação, o indivíduo idealiza um objeto no formato do pensamento, sempre partindo da realidade objetiva em que ele está inserido. Contudo, adquirem novos conhecimentos e habilidades que anteriormente não possuíam. Uma vez que surgem conhecimentos novos, também surgem novas necessidades, por isso que o trabalho funda o mundo dos homens, ou seja, novas respostas diante de novos problemas.

O trabalho é a categoria que dá fundamento ao mundo dos homens. Atos como a educação e a linguagem relacionam-se com o trabalho. Outros determinados momentos surgem mediante aos complexos da sociedade e das forças produtivas.

¹ Acadêmico do Curso de Licenciatura em Educação do Campo – Ciências Humanas e Sociais na UFMS em Campo Grande – MS, sob a orientação do Professor: Dr. Rafael Rossi. E-mail: franciscocipriano99@gmail.com

O trabalho implica na transformação da natureza pela ação dos homens para atender suas necessidades. Desta forma, também se transformam e se apropriam de novos conhecimentos que antes não possuíam.

Os conhecimentos adquiridos por um indivíduo tendem a se tornar patrimônio de toda a sociedade. Em quais ou menos tempo, dependendo do caso, eles generalizam a todos os indivíduos. O que era de domínio de apenas uma pessoa torna-se de toda a humanidade (LESSA; TONET, 2011, p. 25).

Desta forma, podemos refletir que a atividade educativa está relacionada ao trabalho pelo fato do indivíduo produzir idealmente como forma de pensamento antecipado o fim desejado de um determinado objeto, mesmo antes dele ser materializado, se apropriando de novos conhecimentos e transmitindo os mesmos.

O trabalho funda o ser social e os seus complexos (arte, política, filosofia, educação, etc.) e realiza o intercâmbio orgânico entre o homem e a natureza transformando a mesma nos bens indispensáveis para a reprodução humana social. A educação transmite os comportamentos, conhecimentos e habilidades construídos pelos processos históricos da humanidade. Nas sociedades primitivas todos tinham acesso à educação, pois não havia a divisão de classes sociais e também não havia a divisão social do trabalho. No entanto, com a origem da propriedade privada, ou seja, uma classe começa a se apropriar privadamente do fruto de outra classe tendo por base o antagonismo das classes sociais, a educação passa então a atender apenas a classe dominante, sendo assim, a classe dominada foi excluída desse processo.

Portanto, a educação não pode ser compreendida se deixarmos de lado as lutas de classes, a divisão social do trabalho e as influências que estes fatores exercem na forma de transmissão dos conhecimentos e dos valores em cada forma de sociedade. Uma vez que compreendemos que a sociedade se dividiu em classes, a disseminação do conhecimento será sempre para atender aos interesses das classes dominantes.

O modo de produção capitalista é o modelo vigente de sociedade em que vivemos. Tem por base o trabalho assalariado, regido pelo Estado moderno.”O salário é o preço de mercadoria da força de trabalho” (MANDEL, 1982, p. 37). Dividi-se em duas classes, a burguesia e os trabalhadores assalariados. Os capitalistas detêm os meios de produção e os trabalhadores foram separados dos mesmos.

No capitalismo, o lucro privado é obtido a qualquer custo pelos capitalistas que se enriquecem com o acúmulo de capital, prevalecendo a exploração da classe trabalhadora. Os

trabalhadores produtivos por sua vez, com seu trabalho produzem mais-valia, ou seja, o valor a mais que eles geram no processo de produção das mercadorias, mas que não se apropriam desse valor a mais, pois são os capitalistas que irão se apropriar de forma privada de todo valor a mais que os trabalhadores produzem. Implica que, o lucro que um trabalhador assalariado produz é o suficiente para pagar seu próprio salário e gerar um valor ainda maior, muito além do seu salário mensal. Tudo é mercadoria no capitalismo e tudo o que é produzido possui valor de uso e valor de troca. No entanto, o valor de troca subordina o valor de uso.

Para analisar a educação no capitalismo é necessário compreender a lógica do capital, que se trata de uma relação social e está presente no ato da compra e venda da força de trabalho do trabalhador assalariado pelos capitalistas que são os donos dos meios de produção. Implica que, os trabalhadores cada vez mais são explorados pelos capitalistas em seus determinados locais de trabalho, sendo assim, é inegável que não existe desigualdades sociais nesta sociedade. Desta forma, podemos perceber que não é possível estabelecer uma harmonia entre o capital e os indivíduos.

Uma vez brevemente compreendida a lógica do capital, podemos analisar a educação no contexto social, as contradições e ideologias que são reproduzidas pela sociedade de que é possível haver uma educação harmoniosa mesmo com os desígnios do capital, ou de que a educação transforma a sociedade. Discursos como estes, atualmente são cada vez mais comum de ouvirmos, muitos acreditam nestes pontos de vistas equivocados sem entender de fato as contradições existentes, pois ressaltando, a função social da educação é a transmissão e apropriação de conhecimentos e habilidades, sendo assim, não é possível transformar a sociedade por meio da atividade educativa. Implica que a produção e disseminação do conhecimento na sociedade capitalista é dominante e está subordinada ao capital.

Costumeiramente, também são reproduzidos discursos de políticas públicas para se investir e fazer reformas na educação de modo que seja justa para todos. Analisando esta realidade, podemos concluir que se trata apenas de mais um caráter mercantil, pois o capital procura diversas formas de se reproduzir, e a educação, é uma delas. E conseqüentemente, essas mesmas políticas públicas disseminam as ideias das classes dominantes por meio da atividade educacional. No entanto, as ideologias que são construídas é de que irão beneficiar à todos, ou de que todos terão um ensino de qualidade, quando na verdade, irá de fato, beneficiar a classe burguesa que terão seus interesses atendidos por meio da prática educativa, implica que, a burguesia interfere na educação, os comportamentos, os valores, as habilidades e os conteúdos de ensino são desenvolvidos com a

perspectiva de manter a sociedade, desfavorecendo a classe trabalhadora e impossibilitando um sentido revolucionário.

Não é possível pensar em uma “educação crítica” nesse atual modelo de sociedade, pois entendemos que a educação é reduzida à uma mercadoria com a finalidade de educar o aluno para o mercado de trabalho e sempre haverá o valor de troca. Neste sentido, a educação é mais um meio de alienar o indivíduo ao sistema dominante para serem explorados pelo capital, a fim de tornar os alunos competitivos, sendo impossível proporcionar uma perspectiva revolucionária por meio da atividade educativa que são oferecidas e desenvolvidas atualmente nas escolas. Os conteúdos de ensino também atendem a lógica do capital. Somente algumas atividades emancipadoras na educação poderão contribuir para um sentido revolucionário, ou seja, atividades educacionais desenvolvidas num sentido contrário a lógica do capital enfatizando as ideologias e as contradições que são utilizadas na educação.

Deste modo, podemos dizer que conhecimento de caráter revolucionário é aquele que permite compreender qualquer objeto de estudo- seja ele natural ou social- como um momento do processo de construção da totalidade social. (TONET, 2016, p. 178)

De modo geral, neste atual modelo de sociedade qualquer tentativa de reformar o ensino escolar, estará sempre fadada ao fracasso, pois não é possível promover uma mudança real na educação sem mudança social. Podemos perceber que o Estado faz uma correção aos defeitos do capital, mas em nada altera pelo fato de não se tratar de uma ação de superação.

Contudo, para que haja verdadeiramente uma educação justa para todos, é necessário a total superação da lógica do capital, somente desta forma, mudará a totalidade social, as dimensões sociais e possibilitará uma nova forma de sociabilidade. No entanto, trata-se apenas de uma possibilidade que para se tornar possível, é necessário a luta própria dos seres humanos, mais precisamente, por meio da luta da classe trabalhadora num sentido revolucionário.

A educação por si só, não altera a totalidade social, somente em conjunto com as demais dimensões sociais existentes possibilitará um impacto fundamental para a construção de um novo modelo de sociedade.

O conjunto de condições de vida que rodeia o homem, e até agora o dominava, passa, por fim, a estar sob o domínio e orientação dos homens, que pela primeira vez chegam a ser os donos verdadeiros da natureza em virtude de serem os amos de sua própria organização social. (ENGELS, 1971, p. 347).

Somente em uma nova forma de sociabilidade baseada no trabalho associado, “livre, consciente, coletivo e universal” (TONET, 2016, p. 170), a educação será de fato harmoniosa e humanizadora. Os homens serão livres de toda exploração e domínio e poderão de fato se desenvolver plenamente enquanto membros da espécie humana, pois assim, haverá igualdades e oportunidades reais entre todos os indivíduos.

Referências

ENGELS, F. *Anti-Dühring*. Lisboa: ed. Afrodite, 1971.

LESSA, S. **Para Compreender a Ontologia de Lukács**. 4.ed. Maceió: Coletivo Veredas, 2016.

LESSA, S; TONET, I. **Introdução a Filosofia de Marx**. São Paulo: Expresso Popular, 2011.

MANDEL, E. **Introdução ao Marxismo**. Porto Alegre. Editora: Movimento, 1982.

TONET, I. **Educação Contra o Capital**. 3. ed. Maceió: Coletivo Veredas, 2016.